AMEDRONTAR PARA NORMALIZAR: A propagação do medo nas meditações da Pia União das Filhas de Maria

Viviane Souza de Oliveira[1]
Graduanda em História – UNICAP
vivianne.soouza@hotmail.com
Luiz Carlos Luz Marques[2]
Docente – UNICAP
prof.luizmarques@gmail.com

Resumo: Buscou-se, com o aporte teórico dos estudos sobre o imaginário, elaborados por Gilbert Durand, o conceito de Gênero definido por Joan Scott e as análises sobre os discursos normativos, desenvolvidos por Michael Foucault, estudar o Manual de 1922, da associação católica Pia União das Filhas de Maria, com o objetivo de identificar e analisar os diversos discursos através dos quais medos teológicos, presentes nas meditações desse Manual, buscaram reforçar, no imaginário das sócias, comportamentos que as deviam transformar em modelos de mulher segundo os cânones da Igreja Católica.

Palavras-chave: Estado; Igreja; Poder.

1. Introdução

Mas, quanto aos tímidos, e aos incrédulos, e aos abomináveis, e aos homicidas, e aos fornicadores, e aos feiticeiros e aos idólatras e a todos os mentirosos, a sua parte será no lago que arde com fogo e enxofre, o que é a segunda morte (Ap 21, 8).

A Pia União das Filhas de Maria, associação católica destinada a acolher e preservar jovens mulheres puras e de boa conduta, desempenhou a função de inspirar, na mocidade feminina, desde a sua fundação, em 1864, a devoção à Maria, e conservar nelas os princípios cristãos[3]. Suas sócias tinham como dever esforçar-se para manter os bons costumes pregados pela Igreja Católica e cumprir com as normas aprovadas pela Santa Sé; tais normas, assim como cânticos, orações, confissões e meditações estavam contidas em um Manual, livro indispensável na vida de uma Filha de Maria. Uma das regras do Manual dizia respeito ao mês de Maria, ou mês Mariano, durante o qual as integrantes deveriam dedicar-se a cumprir

[1] Bolsista no PIBIC UNICAP 2018-2019.
[2] Professor orientador no PIBIC UNICAP 2018-2019.
[3] Iniciativa do pároco da igreja de Santa Inês, em Roma, padre Alberto Passéri, em 23 de janeiro de 1864 (AMARAL, 2010, p. 35).

rituais predeterminados, sendo um deles a leitura e reflexão diária de determinadas meditações[4].

Observando essas meditações, percebemos o uso do "discurso do medo" em suas narrativas[5], por isso selecionamos cinco, das trinta e uma, com o intuito de identificar e analisar os diversos medos propagados por elas, uma vez que a propagação e a manutenção desses medos estão sendo entendidos aqui como uma forma de normalizar os corpos e as mentes das sócias, para que assim se alcance o modelo de mulher pretendido pela associação: uma cristã devota, que seja um exemplo de fé na sociedade e na família e que exerça papéis sociais preestabelecidos e limitadores. Para isso empregamos como aporte teórico os estudos sobre o imaginário, elaborados por Gilbert Durand; o conceito de Gênero definido por Joan Scott e as análises sobre os discursos normativos, desenvolvidos por Michael Foucault.

2. O Medo no Imaginário Cristão

Gilbert Durant (2012, p.8) conceituou como imaginário o "[...] conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do *Homo sapiens*". Pensar esse imaginário como objeto de investigação se tornou cada vez mais frequente após a história social dos anos 60 e 70 ter restabelecido o "ofício do historiador", proporcionando analisar a história sobre novas perspectivas e abordagens. O flerte com o imaginário faz o historiador se relacionar com o campo do pensamento e, portanto, com o da representação, já que, ainda segundo Durant (1998, p. 41), "todo pensamento humano é uma *re*-presentação, isto é, passa por articulações simbólicas".

Sandra Pesavento também destaca que "o imaginário faz parte de um campo de representação e, como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e

[4] A Pia União ainda existe. Nosso estudo, entretanto, limita-se às décadas de 20 e 30 do século XX e à versão do Manual publicada em português, em 1922. Portanto, nossas conclusões não podem ser trazidas acriticamente para o presente.

[5] O conceito faz parte de um projeto, desenvolvido pelo Prof. Luiz Carlos Luz Marques, intitulado "Ensinando medos, buscando o diálogo: igrejas, intelectuais, fascismo, integralismo e humanismo integral em Pernambuco (1920-1940)", financiado pelo CNPq (407317/2012-0).

discursos que pretendem dar uma definição da realidade". No entanto, é importante entender que "as imagens e discursos sobre o real não são exatamente o real ou, em outras palavras, não são expressões literais da realidade, como um fiel espelho". Ocorre que através da articulação dos "significantes (imagens, palavras) com os seus significados (representações, significações)" a sociedade cria uma teia simbólica que é "um sistema de ideias-imagens que dá significado à realidade" (1995, p. 15-16).

Outra faceta do imaginário é não estar imune à imposição do poder. Por meio do controle e manipulação do imaginário, individual ou coletivo, determinados grupos ou instituições acabam assumindo o domínio simbólico deste, influenciando nas suas escolhas e normatizando suas condutas. Como acentua Baczko:

> O controle do imaginário, de sua reprodução, de sua difusão e de seu gerenciamento assegura, em degraus variáveis, um impacto sobre as condutas e atividades individuais e coletivas, permite canalizar energias, influenciar as escolhas coletivas nas situações surgidas tanto incertas quanto imprevisíveis (1984, p. 35 apud PESAVENTO, 1995. p. 23).

Um dos instrumentos de controle do imaginário que tem se mostrado bastante eficaz na efetivação da normalização, é o medo, difundido quer por grupos ou instituições governamentais/religiosas. Em seus estudos sobre a história do medo no ocidente, Delumeau (1989, p. 216-218) evidencia que o medo do fim do mundo, o temor quanto ao apocalipse e outras angústias escatológicas tomaram proporções maiores na Europa a partir do século XIV, mas não somente em decorrência das pestes, guerras e outras desgraças da época, mas também por causa dos meios de difusão desses terrores. Foram alguns desses meios o teatro religioso, a imprensa, a pregação, os cantos da Igreja, a gravura e toda espécie de imagens.

Sobre o uso do recurso imagético para difundir o terror no imaginário, Parmegiani aponta que o livro bíblico do Apocalipse foi introduzido no cotidiano da população medieval a partir de imagens que representavam "[...] o Juízo Final, o inferno, imagens diabólicas, dragões no abismo, bestas com sete cabeças e dez chifres" (2011, p. 1 apud MORAES; BRESSAN; OSNILDO, 2017, p. 214), isso significa que os medos escatológicos daquela sociedade passaram a ter uma imagem, e segundo Teixeira e Porto, por terem uma imagem, podiam expandir e

compartilhar esses medos (1998, p. 55 apud MORAES; BRESSAN; OSNILDO, 2017, p. 214).

Os medos escatológicos que se difundem com maior intensidade no século XIV não se detém, no entanto, a esse século. Ao relacionar as pessoas do ano mil com as do ano dois mil, Duby ressalta que "eles falavam mais ou menos a mesma linguagem que nós e suas concepções de mundo não estavam tão distanciadas das nossas", isto porque mais do que a morte "temiam o Juízo Final, a punição do além e os suplícios do inferno" (1998, p. 13 apud FLECK, 2003, p. 156).

A ideia de uma punição vinda do além exercida por um Deus vingador, caso o homem ou mulher estejam vivendo em pecado, é tão antiga quanto a própria civilização, afirma Delumeau (1989, p. 226), e ainda bastante presente no imaginário coletivo atual, como nos permite ver as várias literaturas, incluindo a de cordel, literatura capaz de delinear traços do imaginário popular. A exemplo, temos o folheto de cordel intitulado *A moça que virou jumenta porque falou de Top Less com Frei Damião*, do cordelista e xilogravurista pernambucano José Francisco Borges. Ele conta a história de uma moça que não "gosta de Padre e nem de Deus poderoso", e que após aderir ao Top Less – considerado um mal da modernidade enviado pela "besta-fera" – e zombar da pregação de Frei Damião, é castigada por Deus que a transformou em jumenta; só após se arrepender volta a ser uma moça, e por passar a viver como a Igreja manda "nada de mal lhe acontece" novamente. O verso final entoa:

> Hoje só veste normal
> Vai a igreja faz prece
> Se recomenda a Deus
> Nada de mal lhe acontece
> E não quer ouvir falar
> Nesse tal de Top Less ([s.d.], p. 8).

O referido cordel deixa um aviso claro: o castigo ocorre aos que vivem em pecados e se encontram distante de Deus e da Igreja.

Os medos, como já citamos, podem ser difundidos por vários meios. Ao observarmos o Manual da associação católica feminina, Pia União das Filhas de Maria, encontramos nele discursos aterrorizantes, que gerenciam diversos medos

teológicos, no intuito de normalizar as condutas das jovens sócias, isso, servindo ao propósito de alcançar um modelo de mulher pretendido, com papéis bem definidos na sociedade e na Igreja.

O Papel Social e Religioso das Filhas de Maria: Uma Questão de Gênero

O modelo da *família nuclear*, tão valorizado pela Igreja católica e pela elite, "tinha como um dos seus principais objetivos fazer com que a sociedade se voltasse mais para a vida no lar, pois as novidades da vida urbana (cinema, salões recreativos etc.) estavam cada vez mais atraindo as pessoas para uma 'vida mundana'". É dentro desse novo modelo de família que a mulher assume um papel importante na mesma, "pois representava agora a principal transmissora dos bons costumes dentro da instituição familiar", desempenhando, assim, o papel de "esposa-mãe-educadora" (AMARAL, 2015, p. 6).

Buscando, cada vez mais, deslocar a sociedade do âmbito público para o privado, livrando-os, assim, dos perigos da modernidade, que a Igreja Católica procurou propagar associações religiosas, femininas e masculinas, para serem utilizadas como ferramentas na difusão de seus conceitos éticos e morais junto às massas populares e à elite (Ibid., p. 6). É nesse desejo da Igreja de propagação da moral cristã, que a mulher católica é levada a assumir um novo papel sócio religioso. Se antes ela estava limitada ao espaço privado, agora a Igreja via nela a solução para o restauro dos preceitos religiosos e da valorização da família, o que a levou a também atuar em outro ambiente, o público.

Nesse "sentido de proporcionar um novo papel as mulheres [...], que a Igreja Católica criou a Pia União das Filhas de Maria" (Ibid., p. 8), uma associação católica, destinada a jovens solteiras, puras e de "boas famílias", que desempenhava a função de instruir as sócias, na devoção mariana, para "formar religiosas com verdadeiro espírito de pureza, de caridade, [...] filhas dedicadíssimas a seus paes; e esposas verdadeiramente christãs, que fomentem em suas casas o amor á virtude e á piedade, e eduquem os seus filhos no santo temor de Deus" (MANUAL da Pia União das Filhas de Maria, 1922, p. 31). Vemos assim, que o papel social e religioso

de uma filha de Maria centrava-se em ser, uma filha obediente e respeitosa e uma esposa e mãe verdadeiramente cristã, que educa seus filhos nos preceitos católicos, para assim preservar o modelo de família adequado para a Igreja.

Visto esse papel social e religioso destinado às Filhas de Maria, é importante entendermos o esforço da igreja Católica em consolidar, por meio desse papel, uma identidade do feminino, o que automaticamente acaba por consolidar o que seria a identidade do masculino e as funções de ambos na sociedade. Logo, a análise dos discursos normalizadores desempenhados pela Pia União não deve ser feita fora da categoria de gênero, já que a atribuição de papéis sociais e religiosos a ambos os sexos, foi algo construído socialmente. Como conceitua Joan Scott (1995, p. 86) o "gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos", isto é, ele transpassa as diferenças biológicas entre os sexos e constrói socialmente o que é ser homem e mulher, e quais as suas funções na sociedade.

Diante disso, percebemos que quando a Igreja Católica atribui às Filhas de Maria o papel de "esposa-mãe-educadora", julgando ser necessário, para tal, lhes sujeitar a enfadonhas disciplinas – como ser obediente, respeitosa, piedosa, casta, humilde, dedicada e paciente; evitando a preguiça, a alegria demasiada, as gargalhadas, o correr, o andar depressa, o saltar ou o fazer gestos inconvenientes na rua, como bocejar –, especifica e limita as funções sociais e religiosas dos sexos, gerando, ou reforçando, uma desigualdade de gênero.

As Meditações: Normalizando Através dos Discursos Aterrorizantes

Para efetivar o exercício da normalização do comportamento e da mente das jovens associadas, a Pia União elaborou um manual de condutas (Fig. 1), formado por um conjunto de regras devocionais e comportamentais. Com "a necessidade de formar uma identidade para o grupo, definir as diretrizes de comportamento, bem como, elaborar uma nova sensibilidade feminina, foi que a associação católica passou a contar cada vez mais com a difusão do manual entre as suas associadas" (AMARAL, 2015, p. 9).

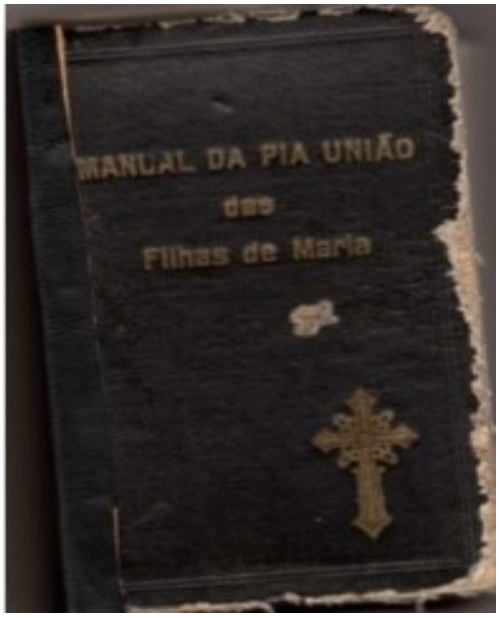


Figura 1 - Capa do Manual da Pia União das Filhas de Maria.

Fonte: AMARAL, Walter Valdevino do. *Que fizeram "ellas"?*: as Filhas de Maria e a boa imprensa no Recife, 1902-1922. 2010. 100 f. Tese (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2010, p. 43.

A estrutura do Manual da Pia União das Filhas de Maria que selecionamos para estudar, é composta por cinco capítulos, neles podem ser achados a origem, a importância, os objetivos e o estatuto da Pia União, bem como, os rituais, as regras de vida, as orações, o devocionário, os cânticos e as meditações que as Filhas de Maria deviam praticar. O Manual devia ser o livro de cabeceira de uma Filha de Maria e suas regras deviam ser seguidas copiosamente por cada uma delas, uma vez que: "uma regra bem observada, conduz a uma grande perfeição, livra da condemnação eterna, e prepara no céo uma esplendida corôa de gloria" (MANUAL da Pia União das Filhas de Maria, 1922, p. 140).

Uma das regras contida no Manual diz respeito ao mês de Maria, ou mês Mariano, que ocorre durante o mês de maio. Era a época ideal do retiro anual prescrito que, no entanto, poderia ser feito antes. Neste mês, era dever da sócia dedicar-se de forma especial à Maria, realizando os exercícios diários reservados ao culto dela. Os exercícios poderiam ser feitos em casa ou em alguma igreja ou oratório, no entanto "se, em logar de serem feitos em particular, os exercícios do mez de Maio puderem ser feitos em publico, mais bênçãos do Céo alcançarão,

porque a oração em commum tem mais mérito deante de Nosso Senhor [...]" (Ibid., p. 312).

Os exercícios do mês Mariano incluem orações diárias, como a *Ladainha de Nossa Senhora* e leituras, como as meditações, a *conclusão* e o *Acto de proposito*, o último diz:

> Prometto, ó meu Deus, nunca mais tornar a desgostar-vos, nem com peccados mortaes, nem com veniaes deliberados. Proponho emendar-me de tal ou tal vicio... praticar esta ou aquella virtude... Para este fim servir-me-hei d'este ou d'aquelle meio... não irei áquella casa... fugirei d'aquella companhia... resistirei sem demora áquelle pensamento... calar-me-hei em tal e tal occasião... etc. (Ibid., p. 192).

O *Acto de proposito*, mostra um pouco da vigilância constante que a Filha de Maria devia ter com o seu comportamento, com suas amizades e com os seus pensamentos. A vida de uma Filha de Maria deveria ser regida pela disciplina – os rituais e as regras a serem seguidos acentuavam isso. O controle e disciplinamento das condutas e atividades das sócias, caracterizavam-se como métodos que a Igreja Católica encontrou para dominá-las, o Manual mesmo recomendava "Não vivaes á vossa vontade, mas sujeitae todos os vossos sentidos ao suave jugo da disciplina" (Ibid., p. 140).

Para Michel Foucalt (1999, p. 164), as disciplinas são "métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade". Não sem razão a disciplina era empregada às sócias, mas com o objetivo de transformar seus corpos em corpos dóceis, para servir a uma utilidade específica, e nesse caso para torná-las mulheres devotas e moralizadoras.

O Manual da Pia União (1922, p. 313) aborda a importância de se praticar os exercícios do mês Mariano, pois "pela devoção d'este mez podeis adquirir a poderosa proteção da Virgem soberana e a salvação da vossa alma". Contudo, também adverte sobre os perigos de se deixar de praticar tais exercícios. O cumprimento dos exercícios do mês Mariano, que está ligado à disciplina da associada, é apresentado como uma chance de salvação, ao passo que o seu não

cumprimento, ou seja, a não disciplina da sócia, está associado à perdas definitivas para a mesma:

> Mas, ai de vós, se perderdes esta graça! Ai de vós, se começando este devoto exercicio, depois de poucos dias o deixardes! Quem sabe se esta será a ultima occasião que Deus vos apresenta para vos converterdes?! Quem sabe se esta devoção não estará annexa a vossa perseverança final?! emfim, quem sabe se este é o ultimo mez da vossa vida?! Podendo com pouco adquirir tamanho bem, se o não fizerdes, que pena, que remorsos não sentireis na hora da morte?! Considerae bem, e resolvei-vos (Ibid., p. 313-314).

Faziam parte dos exercícios desse mês, como já foi dito, a leitura e a reflexão de trinta e uma meditações, uma para cada dia. Ao observá-las percebemos o uso de discursos aterrorizantes, que para nós, serviam à difusão e conservação de medos teológicos no imaginário das sócias, para assim, disciplinar e normalizar suas condutas. Visto isso, nos limitamos a analisar cinco das meditações, a fim de identificar os diversos medos propagados. Selecionamos as meditações do terceiro ao sétimo dia, que tem por título, sucessivamente: *O peccado mortal*; *Os castigos do Peccado*; *A morte*; *O Juizo universal* e *O inferno.* Ao examinarmos essas meditações encontramos os seguintes medos propagados: *O medo do pecado*; *O medo do Deus vingador*; *O medo da vergonha; O medo da morte* e *O medo do inferno.* Eles serão esmiuçados abaixo, vejamos.

O medo do pecado. O capítulo IV do Manual da Pia União, intitulado *As regras de vida para uma Filha de Maria*, diz respeito as regras que as associadas deviam seguir, incluindo o que deviam fazer e o que deviam evitar. Elas deviam, antes de mais nada, ler o regulamento e pôr em prática, esse as orienta a: disciplinar o horário de dormir, de acordar e de fazer as refeições; se vestir com modéstia; fazer orações diárias de manhã e a noite; ir às missas, fazer a confissão e não faltar às reuniões; não esquecer os exercícios do mês de Maria; restringir o número de amigas; evitar a demasiada alegria, as gargalhadas, assim como a mentira, a preguiça e toda espécie de superstição (MANUAL da Pia União das Filhas de Maria, 1922, p. 140-157).

A partir dessas e de outras regras contidas no Manual, podemos entender a concepção de pecado posta à essas jovens, pecado esse que a afasta de Deus,

levando-a a deixar de ser uma Filha de Maria e tornando-a uma Filha do demônio. Como entoa uma das meditações:

> Peccastes? Ai de vós! O que fizestes com o peccado? Fizestes o possivel para perder para sempre o vosso Pae celeste, o vosso redemptor, o vosso Esposo, o vosso Deus, centro de toda felicidade! Que desobediência não foi a vossa!? Que rebelião! Que ingratidão! Que enormidade! Perdestes a herança e a graça de Deus, os méritos da vida passada, o Paraiso; e do Céo vos precipitaes nos abysmos do inferno! Vêde que desgraça não é a vossa! E agora que estaes em peccado, pobre alma, sabeis quem é o vosso inimigo? E' Deus! [...] Sabeis de quem sois Filha? Do demônio". [...] Mas se não estaes em peccado, estaes comtudo em perigo de cahirdes n'elle. – Uma tentação violenta, uma occasião inesperada póde induzir-vos a peccar quando mais descuidada estiverdes. [...] Lembrae-vos d'esta verdade e tremei!... [...] Concebei um grande horror ao peccado mortal, e tomae a firme resolução de jámais o commetterdes em dia algum da vossa vida (Ibid., p. 319-320).

A Filha de Maria deveria evitar o pecado "e tudo o que o póde causar, como seja a companhia de pessoas imprudentes e immodestas", pois "são enviados do demônio de quem deveis fugir e fugir bem" (Ibid., p. 154). Também devia-se evitar a vaidade, pois "a donzela vaidosa é uma enviada do demônio, porque a vaidade é mais que irmã da impureza, é sua mãe" (Ibid., p. 150), e "lançar no fogo algum retrato perigoso, indecente ou livro máu; ou, não os tendo, dar graças á Virgem" (Ibid., p. 386). O pecado pode ser achado nas conversas com as más amizades, na preguiça, na ida ao cinema ou a salões de festas, nas más condutas, ou seja, no não seguimento das regras impostas.

A instrução se mostra incontestável, o pecado e tudo que pode ocasioná-lo devia ser evitado, pois é ele quem leva o indivíduo ao inferno. O medo do pecado é propagado aliado ao medo do inferno: "concebei um grande horror ao peccado mortal" (Ibid., p. 320), pois a desobediência, ou seja, o pecado, acarreta na perda da "herança e a graça de Deus, [...]; e do Céo vos precipitaes nos abysmos do inferno!" (Ibid., p. 319). Contudo, mesmo se a sócia não estava em pecado, advertia-se: "estaes comtudo em perigo de cahirdes n'elle. – Uma tentação violenta, uma occasião inesperada póde induzir-vos a peccar quando mais descuidada estiverdes" (Ibid., p. 320). Isso indica que para não cair em pecado, uma Filha de Maria era levada a manter uma preocupação constante com a sua mente e seus comportamentos.

Uma das meditações ainda assevera: “[...] Renovae o propósito de não tornar mais a peccar para não cahirdes sob os rigores da divina justiça. Fazei uma boa Confissão e dae-vos a uma vida piedosa e santa” (Ibid., p. 322). Como podemos ver, a confissão tem um lugar importante na vida com Deus e na salvação de uma Filha de Maria, não podendo ser diferente, já que pertence a uma associação católica. “Como bem observado por Duby, durante os períodos medieval e moderno, a confissão e a penitência funcionaram como terapias empregadas para tranqüilizar as consciências”, Além de “atenuarem o medo do inferno, difundiram a idéia de que, pela graça divina, todo homem de boa vontade poderia escapar à punição universal” (FLECK, 2004, p. 156-157).

Segundo Delumeau (1989, p. 36-37), “para a Igreja, o sofrimento e a aniquilação (provisória) do corpo são menos temíveis do que o pecado e o inferno. O homem nada pode contra a morte, mas – com a ajuda de Deus – lhe é possível evitar as penas eternas”. Sendo assim, como sugere o Manual, toda confissão, regra ou disciplina que uma Filha de Maria deva cumprir, demandando sofrimento ou não, eram imprescindíveis para livrá-las do tormento eterno. Portanto, o medo do que o pecado pode ocasionar é introduzido, ao que parece, para que essas sócias cumpra com as normas.

O medo do Deus vingador. A imagem do Deus vingador é amplamente difundida na meditação *Os castigos do Peccado*, essa, é composta por alguns elementos em seu discurso. O primeiro elemento diz respeito a comparação entre a impotência do homem em relação a onipotência de Deus quando o assunto é vingar-se: “Deus póde castigar o peccador sempre que queira. Um homem offendido por outrem muitas vezes quer vingar-se, mas nem sempre póde. Não se póde dizer o mesmo de Deus; elle póde, querendo-o” (MANUAL da Pia União das Filhas de Maria, 1922, p. 321). O segundo elemento refere-se a necessidade de um castigo divino: “Deus ha de necessariamente castigar o pecado” (Ibid., p. 321). Essa frase, aparentemente, dá ideia de um Deus possuidor de uma natureza vingativa, pois, como nos mostra Delumeau (1922, p. 228), Lutero escreve: “É preciso que em definitivo ele salve e proteja a verdade e a justiça, que castigue o mal e os maus [...]. Senão, perderia sua divindade e, afinal, não seria mais considerado Deus por

ninguém se cada um fizesse sem tréguas aquilo que tem vontade [...]". Deus castiga, portanto, por ser justo e por ser Deus.

O terceiro elemento apresentado é a certeza do castigo divino. O discurso assegura que Deus: "Pode castigar-vos tirando-vos a saude, a vossa fortuna, os parentes, a vida, só com um acêno da sua vontade. Se estaes em peccado, póde castigar-vos ainda agora mesmo com uma morte repentina, se o quiser" (MANUAL da Pia União das Filhas de Maria, 1922, p. 321). Sendo assim, as calamidades que aconteceram e que ainda vão acontecer na vida das Filhas de Maria, são castigos divinos e estão diretamente ligados ao seu comportamento.

De acordo com Delumeau (1989, p. 226), os homens de Igreja, tomados pelas tragédias, passam a isolar os textos bíblicos e apresentá-los às multidões inquietas como forma de explicação última para tais calamidades, de modo que essas passam a ser consideradas como castigo para os crimes cometidos. As doenças, a falta de dinheiro e até as tentações são considerados castigos divinos de acordo com a meditação analisada:

> Deus está, talvez, castigando agora mesmo os vossos peccados. Aquellas frequentes doenças, aquellas desgraças da vossa familia, aquellas esperanças que não tiveram sucesso, aquelles annos de fome, aquellas calumnias que vos levantaram os vossos inimigos, aquelles desprezos, aquellas tentações tão importunas, talvez sejam castigos de peccados antigos, que vós já tenhaes esquecido (Ibid., p. 321-322).

O que coincide com o que Delumeau relata ao abordar a ideia do castigo divino na Europa da Idade Média (1989, p. 226) "Ao lado da peste, as fomes, as guerras, até mesmo a invasão dos lobos eram sempre interpretadas pela Igreja, [...] como punições divinas: flechas aceradas enviadas do Céu sobre uma humanidade pecadora". Evidência da manutenção do imaginário coletivo. Vemos que por meio da apresentação de algumas calamidades como castigos divino, a Pia União conseguia conservar no imaginário das sócias o medo do Deus vingador, já tão presente na mentalidade ocidental.

O medo da vergonha. A decisão, para o mal ou para o bem, tomada no dia do Juízo universal, como acentua as meditações, não poderão ser revogadas, são para toda a eternidade. Essa narrativa torna visível a preocupação que uma Filha de

Maria deveria ter em vida, para que não estivesse em pecado na hora de sua morte, já que “no dia do Juizo hei de aparecer perante Jesus Christo, meu Juiz! Oh! que olhar terrivel o d’elle, olhar de cólera e de vingança se eu morrer em peccado mortal” (MANUAL da Pia União das Filhas de Maria, 1922, p. 324). Além da propagação do medo da condenação eterna, notamos um esforço para difundir a ideia de que, ao morrer em pecado, a associada sofrerá tamanha vergonha, uma vez que seus pecados serão lidos diante de todos. Com essa ideia, pretendia-se incutir no imaginário das sócias o temor à tal vergonha, para que com isso, elas se abstivessem do pecado:

> [...] No dia do Juizo universal, se eu morrer em peccado mortal, lêr-se-hão todos os meus peccados na presença do mundo inteiro. Que terrivel será então a minha vergonha em presença d’aquellas companheiras entre as quaes eu parecia um anjo; em presença dos meus paes, que me reputavam por innocente; em presença do meu confessor, a quem os calei; em presença do Director da Congregação, que sempre me teve por Filha de Maria digna d’este nome! Lêr-se-hão todos: até aquelles pensamentos mais escondidos; aquelles desejos que não foram postos em pratica; aquellas complacências tão vergonhosas; aquelles peccados que cometti muitas vezes, quer longe das vistas dos outros, quer dando escândalo ás minhas companheiras, ou a quem me via nas reuniões da Congregação, ou a qualquer outra pessoa... [...]“Vêde com que sinceridade não deveis fallar ao confessor, para não serdes envergonhada deante de todo o mundo! (Ibid., p. 324-326).

Spinoza aponta um dos significados para o sentimento de vergonha, para ele “a vergonha é a tristeza que acompanha a idéia de alguma ação que imaginamos censurada pelos outros” (1954, p. 254 apud LA TAILLE, 2012, p. 17). Outros significados, como mostra o Dicionário Aurélio, recobre à desonra humilhante; opróbrio, ignonímia; sentimento penoso de desonra, humilhação ou rebaixamento diante de outrem; etc. Considerando essas definições, observamos que a afirmação “que terrivel será então a minha vergonha em presença d’aquellas companheiras...”, pretende enunciar que, caso morrendo em pecado, a sócia padecerá grande humilhação, tristeza e rebaixamento diante das pessoas importantes da sua vida, inclusive o diretor da associação. Despertar o medo de vivenciar tal situação, parece ser um dos objetivos das meditações.

Ainda se adverte: “Vêde com que sinceridade não deveis fallar ao confessor, para não serdes envergonhada deante de todo o mundo!”, insistindo, novamente, na necessidade da confissão e na sua importância para Igreja Católica. Além disso,

podemos perceber nesse discurso a existência de uma imagem a respeito do dia do Juizo Final. É dito que todos vão estar presentes nesse dia; que as memórias terrenas vão permanecer, o que permitirá o reconhecimento entre os indivíduos; e que todos os pecados individuais serão lidos diante de todos. Essa imagem criada, permite, como já vimos, difundir ainda mais o medo desse tão temido dia no imaginário das sócias.

O medo da morte. A lembrança iminente da morte é bastante difundida nas meditações analisadas: “Hei de morrer. Hei de apartar-me dos parentes, dos amigos, dos bens, de todas as coisas d’este mundo e até do meu corpo. [...] logo hei de morrer eu tambem; e será uma eternidade feliz? Não sei!” (MANUAL da Pia União das Filhas de Maria, 1922, p. 322). A lembrança da certeza da morte, bem como a lembrança de que ninguém sabe o dia, o local ou como morrerá, servem para que as sócias estejam sempre preparadas espiritualmente.

Para Kovàcs “[...] nenhum ser humano está livre do medo da morte, e todos os medos que temos estão, de alguma forma, relacionados a ele” (2010, p. 15 apud MORAES; BRESSAN; OSNILDO, 2017, p. 213). Sendo assim, as meditações atuam reforçando esse medo no imaginário das associadas, para assim fazer com que elas se mantenham regradas e disciplinadas.

A lembrança da morte é relatada como algo perturbador. A meditação anuncia, em primeira pessoa, que mesmo havendo ciência da morte “eu vivo como se nunca tivesse de morrer; e até nem quero pensar na morte! Receio que o pensamento da morte me faça endoidecer; e não vejo que esse pensamento me póde trazer uma morte feliz!” (MANUAL da Pia União das Filhas de Maria, 1922, p. 324). Pensar na morte traz dor, traz reflexão e sobretudo faz pensar no pós-morte: “se eu morresse n’este momento, estou com a consciencia tão embaraçada, que talvez fosse d’este logar para o inferno!” (Ibid., p. 324). A partir disso vemos que o medo da morte não está sozinho, mas imbricado ao medo do além-vida: O céu ou o inferno, vida eterna ou condenação eterna?

Para que as Filhas de Maria tivessem sempre a morte em mente, temendo não só ela mas o destino posterior, a meditação adverte: “Se não quereis ter a morte

dos condemnados, procurae viver a vida dos justos; vivei como se todos os momentos fossem os ultimos da vossa vida e imaginando que ides já apresentar-vos no tribunal de Deus" (Ibid., p. 324).

O medo do inferno. Segundo Delumeau (1989, p. 239-241), a chegada da modernidade na Europa foi acompanhada pelo medo do diabo. A Renascença herdava conceitos e imagens demoníacas que haviam se definido e multiplicado na Idade Média, mas que nesse período se difundiram numa escala não vista anteriormente. Satã que pouco aparecia na arte cristã primitiva, começa a ganhar mais espaço nos séculos XI e XII, mas é a partir do século XIV que ocorre uma invasão demoníaca progressiva, que até a consciência religiosa da elite ocidental, deixa por um longo período de resistir à convulsão do satanismo. As imagens e os discursos demonológicos, ganham então uma indiscutível visibilidade. O demônio passa a ser representado de diversas formas com olhos de fogo, com olhos vermelhos, com chifres, se alimentando das almas dos condenados ou castigando-os.

Do mesmo modo, houve uma criação e difusão da imagem do que seria o inferno. Para Durand (2012, p.74), "o inferno é sempre imaginado pela iconografia como um lugar caótico e agitado". Nas meditações analisadas o inferno é representado como uma prisão cheia de fogo, fumaça, chamas e golpes de demônios:

> Vês tu, ó peccadora, aquella terrivel prisão cheia de fogo, fumaça e demônios?... Está preparada para ti, se não cuidas em te emendares. Comtempla aquelle fogo; no meio d'aquellas chammas horrorosas arderás não somente em alma, mas também em corpo, cumplice dos teus peccados. Arderás sem te extinguires, porque aquelle fogo queima, e não destróe. Elle penetrar-te-ha na garganta, no coração, nos olhos, nos ouvidos, no cerebro; atacar-te-ha os pés, as mãos, todo o teu corpo; tornar-te-has uma estatua de ferro em fraza, scintillante no meio das chammas, aos golpes dos demônios. (MANUAL da Pia União das Filhas de Maria, 1922, p. 326-327).

Mesmo sendo o demônio e o inferno, figura e local que não se tem acesso, criou-se uma imagem a respeito deles. Mas como salienta Pesavento (1995, p. 22), "a sociedade constitui o seu simbolismo, mas não dentro de sua liberdade absoluta, pois ela se apoia no que já existe", o que explica o fato da imaginação criadora se

basear em signos conhecidos, e até mesmo do cotidiano, como o fogo, a fumaça e o chifre.

Nas meditações, o inferno é apresentado como o fim último da sócia que não cumpriu com suas obrigações e que não freou suas paixões "[...] Vêde quanto vale offender a Deus, seguir o mundo e o demônio, e satisfazer as paixões! O premio d'uma vida de iniquidades e de paixões será uma eternidade de penas" (MANUAL da Pia União das Filhas de Maria, 1922, p. 328). Para ela não ter a morte dos condenados é imprescindível que permaneça em vigilância enquanto sua conduta social, moral e religiosa. O discurso aterrorizante de que se condenada ela lembrará que podia ter se salvado se realizasse os exercícios da Pia União e cumprisse suas regras, evidencia a propagação do medo do inferno para que se mantenham disciplinadas:

> Se te condemnares, qual será a tua occupação? lembrar-te-has que podias salvar-te com pouco e que não quizeste! Lembrar-te-has d'aquelle sermão, d'aquelles exercicios espitituaes, d'aquelle livro, d'aquellas reuniões da Congregação, d'aquelles avisos do Director, d'aquelle bom conselho, d'aquella inspiração com que Deus te convidou ao perdão e que não quizeste! (Ibid., p. 327).

Além da ideia do que seria o inferno, as meditações se utilizam constantemente de termos como "eternidade", "eterno", "sempre", recurso linguístico empregado com o objetivo de incutir na mente das jovens que o sofrimento que se dará no inferno não terá fim: "se cahires naquele fogo, quanto tempo julgas tu que estarás ahi? cem annos? mais. Mil annos? mais. Um milhão d'annos? mais, mais. Mas, quanto tempo? Emquanto Deus fôr Deus, para sempre,por todo sempre, por toda a eternidade!" (Ibid., p. 328). Uma das meditações ainda diz que no caso de condenação a sócia pensará em pedir ajuda a Maria e ao anjo da guarda, mas: "como me atreverei a fazel-o, tendo-lhe sempre desobedecido? Meu senhor foi sempre o demonio, e este fatalmente será n'aquelle dia o meu acusador; a ele servi na vida, ele me acompanhará na eternidade" (Ibid., p. 325).

Outra meditação acentua: "Vós passaes a vida brincando, divertindo-vos, dormindo e regozijando-vos; mas se Deus se cansa, em um instante estaes morta e condemnada; e condemnada por toda a eternidade" (Ibid., p. 320); segundo tal discurso, o sofrimento não terá trégua: "E em tanto tempo haverá um repouso?

Nunca. Poder-se-ha mover um pé ou uma mão? [...] Poder-se-ha por ventura obter uma gotta de agua, ardendo em sede? Nunca! Oh! Fogo desesperador! Oh inferno eterno! Oh! Eternidade! *Sempre! ... nunca!...*" (Ibid., p. 328). Entende-se, assim, que o medo do inferno, acompanhado pelo medo do diabo e da condenação eterna, funcionavam como instrumentos de gerenciamento do imaginário das jovens associadas, para assim disciplinar e normalizar suas condutas.

Considerações Finais

Entendendo que a difusão de determinadas imagens e discursos, enquanto formadores de um imaginário individual e coletivo, servem à interesses precisos, concluímos que as meditações apresentadas, servem à associação Pia União das Filhas de Maria como instrumento para propagação e manutenção de diversos medos teológicos no imaginário das jovens associadas. Para, através disso, normalizar as condutas individuais e coletivas de cada uma delas, a fim de se obter um modelo adequado de mulher, mulher essa que serviria a um papel específico no meio civil e religioso, como: filha e esposa dedicada; mãe que educa os filhos nos preceitos cristãos; verdadeira cristã devota à Maria, exemplo de moralidade e fé na sociedade.

Referências

AMARAL, Walter Valdevino do. *Que fizeram "ellas"?*: as Filhas de Maria e a boa imprensa no Recife, 1902-1922. 2010. 100 f. Tese (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2010.

_____. Educando as jovens sob o véu de Maria: práticas de dominação religiosa e comportamental na Pia União das Filhas de Maria. *Revista Fatos e Versões*, Mato Grosso do Sul: UFMS, v. 7, n. 13, 2015.

BÍBLIA do Pregador Pentecostal. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2016, 2272 p.

BORGES, José Francisco. *A moça que virou jumenta porque falou de Top Less com Frei Damião*. Bezerros, PE, [s.d.].

DELUMEAU, Jean. *A história do medo no ocidente, 1300-1800*: Uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. Tradução de Maria Lúcia Machado.

DURAND, Gilbert. *O imaginário*: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998. Tradução de Renée Eve Levié. (Coleção Enfoques. Filosofia).

_____. *As estruturas antropológicas do imaginário*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012. Tradução de Hélder Godinho.

FLECK, E. C. D. Tão longe do inferno, tão perto do céu: amedrontar para converter. *História*: Questões & Debates, n. 39, Curitiba: Editora UFPR, p. 155-189, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*: História da violência nas prisões. 20. Ed., Petrópolis: Vozes, 1999. Tradução de Raquel Ramalhete.

MANUAL da Pia União das Filhas de Maria: Sob o patrocínio da Virgem Immaculada e de Santa Ignez, Virgem e Martyr. Porto: J. Steinbrener, 1922. 638 p.

MORAES, Heloisa J. P.; BRESSAN, Luiza L.; OSNILDO, Reginaldo. O medo no imaginário e o imaginário do medo. *Revista Memorare*, Santa Catarina, v. 4, n. 2, maio/ago., pp. 209-223, 2017.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: Imaginando o imaginário. *Rev. Bras. de História*, São Paulo, v. 15, n. 29, pp. 9-27, 1995.

SCOTT, Joan W. *Gênero*: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez., pp. 71-99, 1995.

LA TAILLE, Yves de. O Sentimento de Vergonha e suas Relações com a Moralidade. *Psicologia*: Reflexão e Crítica, v. 15, n. 1, pp. 13-25, 2002.